

LUÍS FARINHA, REITOR DA UNIVERSIDADE POLITÉCNICA DE CASTELO BRANCO

“Uma Universidade com raízes profundas e capacidade para trabalhar em redes globais”

✚ Luís Farinha é o primeiro reitor da Universidade Politécnica de Castelo Branco. Na passagem de mais um aniversário da instituição, explica o que está a mudar e que o futuro exige excelência, ambição, responsabilidade e capacidade de intervenção.

O Instituto Politécnico de Castelo Branco é agora Universidade Politécnica de Castelo Branco (UPCB). O que se pode esperar da instituição para o futuro?

Pode esperar-se uma Universidade mais ambiciosa e, ao mesmo tempo, mais exigente consigo própria. A nova designação abre uma oportunidade de afirmação, mas não é o nome que transforma uma instituição. O que a transforma é a qualidade do ensino, a capacidade de produzir conhecimento relevante e, sobretudo, de o converter em valor para as pessoas, para as empresas, instituições e para o território.

A nossa ambição é afirmar a UPCB como uma Universidade Politécnica de referência, a partir do interior do país, com qualidade reconhecida e crescente projeção nacional e internacional. Isso significa formar com excelência, investigar com propósito e transformar conhecimento em capacidade, inovação e valor, trabalhando lado a lado com empresas e instituições na resposta aos desafios concretos da região.

É esse o sentido do meu programa de ação: «Impulsionar o Futuro, Valorizando as Pessoas». Mais do que um lema, é um critério de decisão. Cada curso, projeto, investimento ou parceria deve melhorar a Universidade e, simultaneamente, criar valor para quem aqui estuda, trabalha, investe e vive. É essa exigência que deve orientar o futuro da UPCB.

Esta alteração vai para além da mudança de nome?

Tem necessariamente de ir. Se a transformação se resumisse a substituir uma placa, teríamos desperdiçado uma oportunidade histórica. Ser Universidade Politécnica deve traduzir-se num novo patamar de responsabilidade, ambição e capacidade de intervenção.

Não queremos abandonar a nossa identidade; queremos elevá-la. A matriz politécnica nasce próxima das profissões, da tecnologia, das empresas e dos problemas concretos. O desafio é acrescentar a essa proximidade mais ciência, mais inovação, mais formação avançada, mais internacionalização e maior capacidade de transferir e cocriar conhecimento.

Isso implica uma UPCB mais ágil?

Há uma transformação organizacional e cultural a fazer. Queremos uma instituição mais aberta, mais ágil, mais colaborativa entre escolas e áreas científicas e mais orientada para objetivos e resultados. A mudança será verdadeira quando se refletir na experiência dos estudantes, nas oportuni-



dades das nossas pessoas, na relação com o tecido económico e social e no impacto que conseguimos gerar no território.

Pode significar também uma maior aproximação das autarquias da região, com a abertura de cursos nos diferentes concelhos da Beira Baixa?

A aproximação às autarquias e ao território é essencial, mas não deve confundir-se com dispersão da oferta formativa. A proximidade não se mede pelo número de cursos ou edifícios espalhados pelo mapa; mede-se pela capacidade de compreender necessidades e construir respostas com qualidade.

Haverá situações em que fará todo o sentido levar formação a outros concelhos, sobretudo formação curta, pós-graduada, executiva ou ao longo da vida, desenhada em articulação com municípios, empresas e instituições. Essa proximidade deve partir dos problemas concretos do território e das competências necessárias para lhes dar resposta, numa lógica orientada para a resolução de problemas, em que a Universidade mobiliza conhecimento, qualifica pessoas e ajuda a construir soluções com impacto real.

Já uma licenciatura, um mestrado ou um doutoramento exigem outro nível de sustentação: procura consistente, recursos adequados, qualidade académica, capacidade de investigação, massa crítica e perspectivas de empregabilidade e impacto. Não queremos criar oferta para preencher mapas; queremos criar respostas para necessidades reais e desenvolver formação onde ela possa gerar valor efetivo para as pessoas, para as organizações e para o território.

Ou seja a UPCB deve ser uma plataforma de conhecimento na região?

Sim, quero que a UPCB funcione cada vez mais como uma plataforma regional de conhecimento. Isso pode significar formação descentralizada, investigação aplicada, laboratórios vivos, apoio à inovação empresarial ou projetos com os municípios. O importante é que cada parceria produza resultados e fortaleza, ao mesmo tempo, a Universidade e o território.

Há cerca de quatro meses tomou posse como responsável máximo da UPCB (IPCB na altura). Qual o balanço que faz do trabalho realizado e quais foram as prioridades imediatas da sua equipa?

Foram meses particularmente intensos. Assumimos funções num momento em que várias exigências se concentraram no tempo: a transição para Universidade Politécnica, a revisão do enquadramento estatutário, a preparação do novo ano letivo e, em simultâneo, o arranque do nosso programa de transformação da instituição.

A primeira prioridade foi conhecer com rigor a situação real: ouvir, diagnosticar, identificar riscos e distinguir o urgente do estrutural. As residências estudantis foram um dos dossiers que exigiram resposta imediata. O ciclo de financiamento do PRR estava a terminar e havia investimentos que já não poderiam ser concluídos dentro dos prazos previstos. Tivemos de acompanhar de perto as empreitadas e, ao mesmo tempo, encontrar uma solução que permitisse proteger o investimento realizado e assegurar a conclusão das obras.

Para já qual foi essa solução?

Quando abri o aviso do Centro 2030 para residências universitárias, avançámos de imediato. O prazo da primeira fase terminava a 30 de setembro, o que obrigou a um esforço muito intenso das equipas para, em poucos dias, consolidar informa-

ção técnica e financeira e preparar uma candidatura sólida. Foi um trabalho exigente, mas indispensável para salvaguardar investimento público e criar condições para concluir estas infraestruturas.

Mas não quisemos ficar numa lógica de emergência. Enquanto resolvemos problemas, estamos a construir direção: rever a oferta formativa, reforçar a investigação e a transferência de conhecimento, desenvolver a formação ao longo da vida, melhorar a organização interna e preparar uma visão de desenvolvimento da UPCB para 2030. O balanço é esse: responder ao urgente sem perder de vista o futuro.

Portanto, a grande preocupação prendeu-se com a reprogramação das obras das residências, a nova da Talagueira, e a requalificação das outras duas existentes em Castelo Branco?

A situação das residências estudantis foi um dos dossiers que exigiu uma resposta mais imediata. Tomámos posse a 7 de julho e encontrámos duas residências em requalificação com níveis de execução inferiores a 12% e a nova residência da Talagueira com uma execução inferior a 30%. Ao mesmo tempo, os prazos do PRR terminavam já em agosto - a 14 de agosto, no caso da Talagueira, e a 20 de agosto nas restantes residências. Ou seja, entre a nossa entrada em funções e o fim dos prazos de financiamento havia pouco mais de um mês, num contexto de execução ainda muito reduzida.

Perante esta realidade, foi necessário agir de imediato: acompanhar de muito perto as empreitadas, reunir com projetistas, empreiteiros, fiscalização e entidades responsáveis pelo financiamento, acelerar tudo o que ainda fosse possível executar e, em paralelo, procurar uma solução que permi-

Publicidade





tisse concluir os investimentos para além do prazo do PRR. Foi nesse contexto que trabalhamos a candidatura ao Centro 2030, com o objetivo de proteger o investimento já realizado e assegurar a conclusão das obras.

O alojamento é determinante para a captação de mais estudantes?

É determinante para muitos estudantes e será cada vez mais relevante numa Universidade que quer reforçar a sua atração nacional e internacional. Hoje, a decisão de onde estudar não depende apenas do curso. Depende também do custo de vida, do alojamento, da mobilidade, da segurança e da experiência global que o estudante antecipa.

Castelo Branco tem vantagens importantes: qualidade de vida, dimensão humana, segurança, proximidade e custos tendencialmente mais equilibrados do que nos grandes centros. Mas essas vantagens só se transformam em competitividade se existir alojamento suficiente, acessível e de qualidade.

Por isso, a conclusão das residências estudantis é, para nós, uma prioridade clara, que assumimos e reafirmamos junto das entidades financiadoras. Desde o primeiro momento, desenvolvemos todos os esforços para acelerar a execução das obras, mas sempre com uma monitorização muito rigorosa da execução orçamental e da tesouraria da instituição, de forma a garantir a continuidade dos trabalhos e evitar qualquer interrupção das empreitadas por razões financeiras. Isso exigiu acompanhamento permanente, gestão prudente dos fluxos de tesouraria e um diálogo muito próximo com a entidade financiadora do PRR, mesmo antes de termos sido formalmente notificados da tão aguardada e decisiva aprovação das novas candidaturas apresentadas.

Pelas suas palavras depreendo que as residências vão para além das questões sociais?

Vejo as residências como parte integrante da infraestrutura académica da Universidade. Não são apenas uma resposta social; são também uma condição de igualdade no acesso, um instrumento de atração de estudantes e um fator de competitividade da UPCH e da própria região. Contribuem para criar uma experiência positiva que pode levar esses jovens a recomendar a Universidade e, em alguns casos, a encontrar na Beira Baixa condições para aqui permanecer depois de concluírem o curso.

A designação de Universidade pode ser uma mais-valia para atrair alunos?

Pode ser, e de forma muito significativa. Passarmos a ser Universidade Politécnica altera a forma como a instituição é lida, reconhecida e posicionada. Não é apenas uma nova designação; é uma nova afirmação de identidade, de ambição e de responsabilidade. A palavra Universidade tem um peso institucional e simbólico muito forte. Em Portugal e, sobretudo, no plano internacional, associa-se de imediato a formação avançada, investigação, inovação, conhecimento e capacidade de produzir futuro. Isso torna a instituição mais legível, mais reconhecível e mais competitiva na captação de estudantes, investigadores, parceiros e projetos.

Mas há uma diferença essencial entre ter um nome mais forte e construir uma reputação mais forte. O nome pode abrir portas; a reputação constrói-se pela qualidade, pelos resultados e pela confiança. Por isso, a nossa responsabilidade é fazer com que “Universidade Politécnica de Castelo Branco” não seja apenas uma designação nova, mas uma expressão com conteúdo e significado próprios. Queremos que esse nome passe a ser associado a ensino de qualidade,



Luís Farinha, reitor da Universidade Politécnica de Castelo Branco

proximidade, empregabilidade, investigação aplicada, inovação, transferência de conhecimento e capacidade de responder aos desafios das empresas, das instituições e do território. Queremos que seja reconhecido como sinónimo de competência, confiança e criação de valor.

Temos bons cursos, docentes e investigadores qualificados, relações sólidas com empresas e instituições e uma região com excelentes condições de vida. O desafio é transformar estes ativos numa proposta de valor clara, distintiva e reconhecida. É aí que “Somos Universidade Politécnica” deixa de ser uma afirmação institucional e passa a ser uma marca de confiança, de pertença e de futuro.

Como avalia a colocação de estudantes na UPCH nas duas primeiras fases do Concurso Nacional de Acesso?

Com realismo, mas também com confiança. O contexto demográfico continua a ser exigente e a competição pela atração de estudantes é cada vez maior, sobretudo para as instituições localizadas fora dos grandes centros urbanos. Mas os resultados deste ano dão-nos sinais positivos e mostram que é possível inverter tendências.

Na primeira fase do Concurso Nacional de Acesso, a UPCH registou 630 estudantes colocados, um crescimento de 28,6% face ao ano anterior, com vários cursos a preencherem a totalidade ou praticamente a totalidade das vagas. Na segunda fase voltámos a crescer, desta vez 32,5%, um resultado particularmente relevante porque ficou claramente acima da evolução registada no conjunto do sistema e do próprio ensino politécnico. São sinais positivos, que valorizamos, sem qualquer triunfalismo, porque sabemos que há ainda muito trabalho a fazer.

Não podemos, contudo, olhar para a captação de estudantes apenas como um problema de comunicação ou de abertura e encerramento de cursos. A capacidade de atração de uma Universidade constrói-se a médio e longo prazo e está profundamente ligada à qualidade e à dinâmica do território onde está inserida.

É por isso que a nossa estratégia vai muito para além do Concurso Nacional de Acesso. Queremos uma Universidade mais forte na ciência, na inovação e na transferência de conhecimento; uma Universidade capaz de trabalhar com as empresas e as instituições, de qualificar os seus recursos humanos, de apoiar processos de inovação e de contribuir para aumentar a produtividade e a criação de valor na região.

A ideia é que a UPCH e a região se fortaleçam entre si?

Há um círculo virtuoso que precisamos de construir. Uma Universidade com mais ciência e inovação torna o território mais competitivo. Um tecido empresarial e institucional mais qualificado e inovador cria mais riqueza e mais emprego qualificado. Mais oportunidades profissionais tornam a região mais atrativa para os jovens. E um território onde existem oportunidades, qualidade de vida e perspectivas de futuro torna-se, naturalmente, mais capaz de atrair estudantes, investidores, profissionais e investimento.

É essa transformação que queremos ajudar a promover. A questão não é apenas trazer jovens para estudar em Castelo Branco durante três ou quatro anos. É criar condições para que encontrem aqui oportunidades para aprender, investigar, trabalhar, empreender e, se assim o desejarem, construir o seu projeto de vida.

Castelo Branco e a Beira Baixa têm ativos muito importantes: segurança, qualidade de vida, proximidade, recursos, instituições e uma escala que permite conciliar vida profissional e pessoal de uma forma que nem sempre é possível nos grandes centros. O nosso desafio é acrescentar a esses ativos mais conhecimento, mais inovação, empresas mais competitivas e mais emprego qualificado.

A UPCH irá repensar as ofertas formativas no futuro?

Sim, e deve fazê-lo de forma permanente e estratégica. Uma Universidade não pode construir a sua oferta formativa apenas a partir do que funcionou no passado. Tem de ser capaz de ler o território, antecipar transformações tecnológicas, económicas e sociais, identificar novas competências e preparar pessoas para profissões que estão a mudar ou que ainda estão a emergir.

Estamos a avaliar a oferta existente cruzando vários critérios: procura, sucesso académico, empregabilidade, capacidade científica instalada, evolução das profissões e necessidades do tecido empresarial e institucional. Mas quero ir mais longe. A oferta formativa da UPCH deve ser cada vez mais coerente com uma visão de desenvolvimento para a Beira Baixa, reforçando áreas em que temos competências consolidadas e criando respostas em domínios com potencial para gerar qualificação, inovação, investimento e emprego qualificado.

Isso implica uma maior articulação entre escolas, unidades de investigação, empresas, municípios e instituições. A Universidade deve ser capaz de perceber onde existem necessidades de competências, onde estão a surgir novas oportunidades económicas e onde pode mobilizar conhecimento para ajudar a resolver problemas

concretos. A nossa dimensão e proximidade ao território podem ser uma vantagem: permitem-nos ouvir mais depressa, ajustar melhor e construir respostas mais próximas da realidade.

E como olha para a formação avançada e ao longo da vida?

É uma dimensão que considero decisiva. As empresas e as instituições não precisam apenas de novos licenciados; precisam de atualizar permanentemente as competências das pessoas que já empregam. Num contexto de transformação tecnológica acelerada, transição digital, novas exigências ambientais e mudança dos modelos de trabalho, a qualificação deixou de ser um momento da vida e passou a ser uma necessidade permanente.

É o primeiro reitor da instituição. Quais são os principais objetivos deste seu mandato?

Quero que, no final do mandato, a UPCH seja uma Universidade mais forte, mais procurada e mais relevante para a região e para o país. Mas a minha ambição vai para além do horizonte de um mandato. O que devemos começar a construir agora é uma trajetória de transformação para a próxima década.

Uma Universidade Politécnica no interior do país não pode limitar-se a cumprir bem a sua missão académica. Tem de estar profundamente ligada ao território, compreender os seus desafios, mobilizar conhecimento para os resolver e ajudar a criar novas oportunidades. Tem de formar pessoas, qualificar os recursos humanos das empresas e das instituições, produzir ciência com aplicação, apoiar a inovação e contribuir para aumentar a capacidade competitiva da região.

É essa Universidade que queremos afirmar: uma Universidade embebida no território, mas aberta ao mundo; próxima das pessoas e das organizações, mas exigente na qualidade; capaz de transformar conhecimento em valor económico e social e de ajudar a criar condições para atrair investimento, gerar emprego qualificado e fixar talento.

E que prioridades tem em cima da mesa?

As nossas prioridades estão todas ligadas por este propósito: melhorar o ensino e o sucesso dos estudantes; valorizar técnicos, docentes e investigadores; reforçar a ciência, a inovação, a transferência e a cocriação de conhecimento; aprofundar a relação com empresas, municípios, instituições de saúde, associações e restantes parceiros; e afirmar externamente a UPCH através da internacionalização, de redes de cooperação e de uma reputação construída sobre resultados.

Mas uma transformação territorial desta natureza não se faz apenas a partir da Universidade. Exige visão partilhada, confiança e capacidade de trabalhar em conjunto. Precisamos de reunir os principais atores do território em torno de objetivos comuns, independentemente de ciclos eleitorais, sensibilidades partidárias ou legítimas diferenças de opinião. Haverá sempre espaço para divergência, mas deve existir também a capacidade de reconhecer aquilo que é estrutural para o futuro da região.

A Beira Baixa precisa de pensar a dez anos: que economia queremos ter, que competências vamos precisar, que setores podemos desenvolver, que talento queremos atrair e fixar e que condições devemos criar para que os jovens encontrem aqui oportunidades para estudar, trabalhar, empreender e construir um projeto de vida.

A UPCH quer assumir a sua parte nessa construção. Não pretendemos substituir empresas, municípios ou instituições; queremos ser o espaço onde conhecimento, talento, tecnologia



e necessidades do território se encontram e onde podem nascer soluções novas.

Quero também deixar uma cultura de execução. Uma instituição pública deve saber ouvir, envolver e construir consensos, mas tem também de decidir, executar, medir resultados e prestar contas. No final, o nosso trabalho não deve ser avaliado apenas pelo número de cursos, projetos ou edifícios. Deve ser avaliado pela transformação que ajudamos a gerar: na vida dos estudantes, na qualificação das pessoas, na competitividade das empresas, na capacidade das instituições, na criação de emprego qualificado e nas oportunidades existentes na Beira Baixa.

Se daqui a dez anos tivermos uma região mais qualificada, mais inovadora, mais competitiva e mais capaz de reter os seus jovens e atrair novo talento, então a Universidade terá cumprido uma das suas missões mais importantes.

A Universidade de Castelo Branco vai manter a sua matriz politécnica?

Sem qualquer dúvida. A matriz politécnica não é uma condição que tenhamos de ultrapassar; é uma identidade que devemos assumir e transformar numa verdadeira vantagem competitiva. O erro seria procurar reproduzir, em menor escala, o modelo de uma universidade clássica. A nossa ambição é outra: queremos afirmar uma Universidade Politécnica de excelência, cientificamente exigente, tecnologicamente avançada, próxima das profissões e profundamente ligada ao território.

E há exemplos internacionais muito claros de que esta identidade é plenamente compatível com a excelência. O Politecnico di Milano, a Universitat Politècnica de Catalunya, a TU Delft ou a ETH Zürich estão entre as grandes referên-

cias europeias em engenharia, tecnologia, arquitetura, design e inovação. O que as distingue é precisamente a combinação entre ciência de elevada qualidade, forte internacionalização, formação avançada, ligação às empresas e capacidade de transformar conhecimento em inovação e impacto.

É essa identidade que queremos reforçar na UPCB. Um ensino muito próximo da realidade profissional, mas suportado por conhecimento científico sólido; investigação orientada para problemas concretos; transferência e cocriação de conhecimento; inovação tecnológica; e uma relação permanente com empresas, municípios, instituições de saúde, organizações sociais e comunidade.

Mas ser politécnica não significa ter menor ambição científica. Pelo contrário. Queremos aumentar a densidade científica da Universidade, reforçar as unidades de investigação, atrair projetos e investigadores, desenvolver formação avançada e doutoramentos, internacionalizar as nossas equipas e participar em redes nacionais e internacionais de conhecimento e inovação.

A questão do financiamento está muito ligada a tudo isto...

E é precisamente por isso que defendemos também um sistema de financiamento mais equilibrado entre os dois subsistemas de ensino superior. Não pretendemos uniformizar missões nem apagar identidades diferentes. O que queremos é que instituições com responsabilidades crescentes no ensino, na ciência, na inovação, na formação avançada e no desenvolvimento dos territórios disponham de condições de financiamento comparáveis para cumprir essas missões com qualidade. A diferenciação institucional deve resultar da missão, das competên-

cias e dos resultados, não de assimetrias de financiamento que limitem à partida a capacidade de algumas instituições se desenvolverem.

É nesta combinação que reside o nosso espaço de diferenciação: excelência académica e científica associada à capacidade de transformar conhecimento em soluções. Quero que uma empresa que enfrenta um desafio tecnológico, um município que procura responder a um problema do território, uma unidade de saúde que pretende melhorar um processo ou uma instituição que necessita de inovar encontre na UPCB competências, investigadores, estudantes e infraestruturas capazes de compreender o problema, desenvolver conhecimento, experimentar soluções e avaliar resultados.

Esta proximidade dá-nos também uma oportunidade extraordinária: transformar a Beira Baixa num verdadeiro território de experimentação e inovação, onde Universidade, empresas, instituições e municípios possam trabalhar em conjunto sobre problemas reais. O território deixa, assim, de ser apenas o espaço onde a Universidade está localizada e passa a ser parte integrante da forma como ensinamos, investigamos e inovamos.

É esta Universidade Politécnica que queremos construir em Castelo Branco: uma Universidade com raízes profundas no território e capacidade para trabalhar em redes globais; que forma para as profissões de hoje, mas antecipa as competências de amanhã; que produz ciência, mas procura que essa ciência tenha consequências; e que mede a sua relevância também pela capacidade de qualificar pessoas, tornar as organizações mais competitivas e contribuir para criar riqueza, emprego qualificado e novas oportunidades na região.

Neste momento estão a funcionar três doutoramentos na UPCB, em parceria com outras instituições. No futuro em que áreas poderão avançar os terceiros ciclos?

Os doutoramentos são uma dimensão muito importante da afirmação científica da UPCB, mas não queremos criá-los por uma questão de estatuto, de número ou de catálogo. Um terceiro ciclo só faz sentido quando assenta em verdadeira capacidade científica: massa crítica, unidades de investigação, orientadores qualificados, redes nacionais e internacionais, projetos de investigação e problemas relevantes sobre os quais seja possível produzir conhecimento novo.

É essa lógica que já está presente nos três doutoramentos que integram atualmente a nossa oferta: doutoramento em Sustentabilidade Agro-Alimentar e Ambiental; doutoramento em Ciências do Desporto e doutoramento em Design para a Inovação Regional.

Iremos olhar para áreas como as engenharias e tecnologias, gestão, inovação e desenvolvimento territorial, ciências agrárias e alimentares, saúde, design e outras áreas interdisciplinares onde a Universidade possa reunir competências dispersas e construir propostas com verdadeira identidade científica. O objetivo não é replicar o que outras instituições já fazem; é identificar onde podemos acrescentar conhecimento, diferenciação e valor.

Quero doutoramentos que atraiam estudantes e investigadores, tragam projetos e redes para Castelo Branco, aproximem empresas e instituições da investigação e aumentem a capacidade científica da Universidade. ■



saber mais em:
www.ensino.eu

Publicidade



UMA INSTITUIÇÃO AO SERVIÇO DA REGIÃO SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE IDANHA-A-NOVA



**A Santa Casa da Misericórdia de Idanha-a-Nova felicita
a Universidade Politécnica de Castelo Branco pelo seu 46.º aniversário**

Rua Movimento das Forças Armadas, 6060-101 Idanha-a-Nova | Telefone: 277 202 161
(chamada para a rede fixa nacional)



NOVO LIVRO DE HENRIQUE GIL Ecosistemas digitais e a inclusão dos mais velhos

O livro “Ecosistemas Digitais 5.0 e a interação humano-computador”, da autoria do professor da Universidade Politécnica de Castelo Branco, Henrique Gil, foi apresentado no passado dia 2 de outubro, na Biblioteca Municipal de Castelo Branco, num momento que teve início com a atuação da tuna académica da Universidade Sénior Albicastrense (USALBI).

Com edição da editora RVJ Editores, o livro aborda a necessidade do público sénior adquirir conhecimentos para lidar com as novas tecnologias. Esta obra mostra o impacto das tecnologias digitais na população idosa e os seus impactos e desafios no processo de envelhecimento. Nessa perspetiva sublinha a impor-

tância das universidades seniores, como a USALBI, que tem ministrado formação na área da informática e que apoiou o lançamento deste trabalho.

Henrique Gil escreve, na sua nota de abertura, que “o problema reside no facto de ainda muitos cidadãos estarem infoexcluídos e, por essa via, encontram-se privados dos conceitos básicos onde assenta uma sociedade democrática: a plena igualdade de oportunidades. A fratura digital vem, por este meio, criar contextos que facilmente derivam para uma exclusão social”.

A apresentação da obra foi feita pelo presidente da RUTIS, Luís Jacob, que alertou para a importância de dar conhecimento aos idosos e para

a necessidade das plataformas digitais serem mais intuitivas para essa geração.

Arnaldo Braz, diretor da Usalbi, aproveitou o momento para frisar que o livro, “ao centrar-se nas pessoas mais velhas, relembra-nos que a exclusão digital pode facilmente converter-se em exclusão social, tornando urgente a promoção de respostas educativas e comunitárias que garantam uma sociedade mais inclusiva”.

A apresentação contou ainda com as intervenções de Christelle Domingos, vereadora da Educação da Câmara de Castelo Branco, Luís Farinha, reitor da Universidade Politécnica de Castelo Branco, e João Carrega, editor da obra. ■

UNIVERSIDADE EUROPEIA Candidaturas abertas

A Aliança Europeia de Universidades BAUHAUS4EU, que faz parte a Universidade Politécnica de Castelo Branco (UPCB) tem aberta, até 31 de dezembro, a segunda fase de candidaturas para os Student-led Interdisciplinary Courses (SLC).

Tendo como público alvo “estudantes de licenciatura, mestrado e doutoramento, a iniciativa pretende colocar os estudantes no centro da criação de novas experiências de aprendizagem, promovendo o seu papel enquanto agentes de inovação e mudança. Com o apoio de um mentor académico, as equipas poderão propor diferentes formatos, como

workshops, seminários, ciclos de conferências ou módulos de projeto, desde que contribuam para a construção de campus mais verdes, inclusivos e sustentáveis”, explica, em nota enviada ao Ensino Magazine a UPCB.

Segundo a mesma informação, “os cursos selecionados serão reconhecidos académicamente e atribuirão 3 ECTS aos estudantes participantes. Cada curso poderá ainda beneficiar de um financiamento de até 2500 euros para apoiar a sua implementação.

A formação decorre entre janeiro e julho de 2027, durante o semestre de verão do ano letivo 2026/2027. ■

EVENTO INTERNACIONAL NA ESE Sprint faz congresso

A Unidade de Investigação SPRINT realiza, nos próximos dias 5 e 6 de novembro, na Escola Superior de Educação da Universidade Politécnica de Castelo Branco, o seu II Congresso Internacional. Desporto, atividade física e saúde são os temas dominantes. O evento assinala também os 40 anos de formação em Educação Física e Desporto naquela escola, evocando o caminho construído ao longo destes 40 anos, reconhecendo o contributo das diferentes gerações e projetan-

do os desafios e oportunidades que se colocam ao futuro da formação e da intervenção no domínio do desporto.

De acordo com a Universidade albicastrense, “o evento será um espaço de encontro, reflexão e partilha científica que reunirá investigadores, docentes, estudantes e profissionais, nacionais e internacionais, em torno de diferentes dimensões relacionadas com o desporto, a atividade física, a saúde e a intervenção em diferentes populações”. ■

Publicidade

46 Anos a Construir o Futuro da Beira Baixa

A Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa
congratula a Universidade Politécnica de Castelo Branco
por 46 anos de excelência académica
e impacto transformador na região.

Amato Lusitano
Associação de Desenvolvimento

☎ (+351) 272 325 126
✉ geral@amatolusitano-ad.pt
📍 Rua da Fonte Nova, N.º 1, Quinta da Fonte Nova, R/C
6000 - 167 Castelo Branco

Alvaro

Av. Gen. Humberto Delgado, 28-B
6000-081 CASTELO BRANCO

☎ 272 342 762
✉ horavla1@hotmail.com
✉ geral@horavla.com
🌐 www.horavla.com

TOPAZIO
SIAMET
SECTOR
CITIZEN

CASIO
browway
AMIN BAKTY
JETCASH

ISAMPT
SHEAFFER
W O S S
Chilli

exacentro

TROPICAL • TROPICAL • SERVIÇOS TÉCNICOS E LUBRIL

☎ Tópicos / Tópicos /
Medalhas / Placas

☎ Carimbos

☎ Corte e Gravação
Fresco

☎ Corte e Gravação
Laser

☎ Impressão

☎ Design Gráfico

Av. General Humberto Delgado, 28
6000-081 CASTELO BRANCO

☎ 272 323 345
✉ exacentro.lda@gmail.com
🌐 www.exacentro.pt



*Parabéns
UPCB*

**46
anos**

*de dedicação,
compromisso
e paixão pela
educação.*

28 out. 1980



*Venha conhecer a
UPCB, Castelo Branco*



UNIVERSIDADES POLITÉCNICAS DE CASTELO BRANCO E VIANA DO CASTELO FAZEM

Doutoramento em Design Regional

As universidades politécnicas de Castelo Branco e de Viana do Castelo arrancaram, no passado dia 1 de outubro, na Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco (ESART), com o primeiro doutoramento em Design para a Inovação Regional.

A abertura desta formação, que em anos alternados funcionará em Castelo Branco e Viana do Castelo, coincidiu com a conferência DRI'26 – 1st Design for Regional Innovation Summit. Um evento que reuniu centenas de participantes na Escola Superior de Artes Aplicadas (ESART).

Este ano o curso funciona em Castelo Branco, e para as 15 vagas disponíveis, concorreram 25 candidatos. “A criação deste Doutoramento representa uma aposta conjunta da UPCB e da UNIPVC numa investigação mais próxima das organizações e dos desafios concretos dos territórios. O objetivo passa por formar investigadores capazes de produzir conhecimento científico a partir de problemas reais e, simultaneamente, transformar esse conhecimento em soluções com impacto económico, social, ambiental, cultural e institucional”, justifica a UPCB em nota enviada ao Ensino Magazine.



A sessão de abertura integrou um congresso internacional

Na sessão de abertura marcaram presença o reitor da Universidade Politécnica de Castelo Branco, Luís Farinha; o presidente do Conselho Geral, João Carrega; a vice-reitora da Universidade Politécnica de Viana do Castelo, Ana Sofia Rodrigues; o Coordenador do CIAUD.UPCB, Polo em Castelo Branco do CIAUD - Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design, Daniel Raposo, Coordenadora do CIAUD.UNIPVC, Polo em Viana do Castelo do CIAUD - Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design, Liliana Soares.

O encontro promoveu o diálogo entre academia, organismos públicos e tecido empresarial, reunindo representantes do ensino superior, da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro, do IAPMEI, da Associação Industrial Portuguesa, das Aldeias Históricas de Portugal, da Associação Empresarial da Beira Baixa, da Associação Empresarial Distrital de Viana do Castelo e do CATAA – Centro de Apoio Tecnológico Agro-Alimentar, entre outras entidades.

Participaram no evento Fernando Moreira

da Silva, presidente Conselho Consultivo do Doutoramento em Design para a Inovação Regional; Jorge Conde, vice-presidente da CCDRC - Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro; Alexandre Caldas, Diretor de Economia e Inovação da AIP – Associação Industrial Portuguesa/Câmara de Comércio e Indústria; Dalila Dias, Coordenadora Executiva das Aldeias Históricas de Portugal - Associação de Desenvolvimento Turístico; Jorge Amaral, Vice-presidente da Direção da AEBB - Associação Empresarial da Beira Baixa; Manuel Lima da Cunha Júnior, Presidente da Direção da AEDVC – Associação Empresarial Distrital de Viana do Castelo; Christophe Espírito Santo, Diretor do CATAA – Centro de Apoio Tecnológico Agro-Alimentar; Rita Almendra, Membro Conselho Consultivo DIR; Ana Henriques e Daniela Monteiro, New Packaging Development & Innovation at Amorim Top Series, S.A.; João Veloso, CTO da PORTILAME; Joana Rodrigues, Geoconservação, Capacitação e Desenvolvimento Comunitário da Naturtejo UNESCO Global Geopark, Portugal e Sérgio Ivan Lopes, CiTin – Centro de Interface Tecnológico Industrial. ■

Publicidade



O Município de Vila Velha de Ródão felicita a Universidade Politécnica de Castelo Branco pelos seus 46 anos ao serviço do ensino e da inovação.

UPCB

Programa do aniversário

A Universidade Politécnica de Castelo Branco assinala no próximo dia 28 de outubro, o 46.º aniversário da instituição que lhe deu origem. Esta é a primeira sessão solene que a academia comemora com a designação de universidade politécnica.

A cerimónia tem lugar no auditório da Escola Superior de Tecnologia de Castelo Branco, a partir das 14h30min, com a homenagem aos colaboradores que completaram 25

anos de serviço. Seguem-se as intervenções do presidente do Conselho Geral, João Carrega; da presidente da Associação Académica, Leonor Ferreira; do presidente da Câmara de Castelo Branco, Leopoldo Rodrigues e do Reitor da UPCB, Luís Farinha.

O aniversário integra ainda uma mostra de ciência e inovação, no Centro de Cultura Contemporânea, numa iniciativa que terá início às 17 horas. ■

CASTELO BRANCO

Universidade em protejo de IA

A Universidade Politécnica de Castelo Branco (UPCB) faz parte do projeto MADE4C – Materiais, Design, Fabrico e Digitalização Avançada para Produtos Circulares, financiado pelo COMPETE 2030 e liderado pela empresa DURIT. Este programa aposta na produção avançada, sustentabilidade e Inteligência Artificial, segundo referiu ao Ensino Magazine a UPCB.

Com uma duração de 32 meses

e início a 1 de setembro de 2026, o projeto pretende contribuir para a transformação digital e sustentável das indústrias de moldes, ferramentas e revestimentos. O arranque do projeto foi assinalado com uma reunião de kick-off, realizada nas instalações da DURIT, que reuniu os parceiros do consórcio e permitiu alinhar as principais atividades, objetivos e linhas de desenvolvimento da iniciativa. A UPCB integra

o consórcio através dos docentes Pedro Torres, Armando Ramalho e Nuno Fernandes, assumindo um papel relevante na componente de Inteligência Artificial e digitalização industrial.

Além da DURIT e da UPCB o consórcio reúne, para além da DURIT, as empresas AGIX, FAMOLDE, VIDRIMOLDE e INOVATOOLS Portugal, bem como as entidades do sistema científico e tecnológico INEGI, ISQ, IPN e UPCB. ■

Publicidade

Mostra frutos de outono

30 OUT 26 - Sexta-feira
BOMBOS DO GAIO
BORGUINHA DE BRAGA
e NATY VIEIRA

31 OUT 26 - Sábado
Ranchos Folclóricos
de ALBUFEIRA
e Etnográfico de OLEIROS
TIAGO SILVA com AMIGOS
À DESGARRADA

01 NOV 26 - Domingo
RÚBEN ALVES
XUMBO TORTO

oleiros, oleiros, naturtejo, unesco, 20, ARI

visite
O CENTRO DO ENCANTO
PROENÇA-A-NOVA

GASTRONOMIA, PRAIAS, ARTE, DESPORTO

PODER ANOMINUTIVA 2025 LOCAL PROENÇA-A-NOVA, Município Proença-a-Nova

www.cm-proencanova.pt

Publicidade

Car Service

Felicita o UPCB
46.º Aniversário

BOSCH Service

José Carlos Pinheiro, Lda
Oficina Multimarca

Nova Zona Industrial Castelo Branco
Tel/Fax: 272 322 801 n.º verde: 800 50 40 30
(Chamada para rede fixa nacional)
www.boschcarservice.pt - mail: jcp@boschcarservice.pt

dma+s
publicidade

+351 964 093 181
ricardo@dmaispublicidade.com

Decoração montras e viaturas | Sinalética
Outdoor's | Têxtil | Brindes | Impressão digital

Café Restaurante
"English Savoy"

de: António Nascimento
Isabel Nascimento

Estrada de Malpica n.º 32 * CASTELO BRANCO
Telef.: 272 345 486 | E-mail: englishsavoy@hotmail.com



Impulsionar o futuro do conhecimento.

—
Ensino e Aprendizagem.
Ciência e Inovação.
Ligação à Comunidade.



**Universidade
Politécnica**
Castelo Branco

www.ipcb.pt